

16 PORANDUBAS

“porã’duba; pergunta, notícia”.



BOLETIM INTERNO DA PUC - SÃO PAULO — ANO II — NOVEMBRO — SALA DE COMUNICAÇÃO



Indio virar branco?

(págs. 4 e 5)

"Boy é assunto pro Porandubas? Vocês resolveram avacalhar?" Esses meninos, entre 15 e 16 anos chegam na Universidade por baixo, têm dela uma visão muito peculiar, estão entre os setores mais indefesos. Contudo prestam um serviço necessário (a ponto de se ouvir com frequência: "este serviço eu não faço: é para os boys"), e devem ser ouvidos. São eles o Anselmo (Dept. Pessoal), Clemente (Secret. Geral), Paulo César e Luís (Protocolo), Adilson (Ass. Administrativa), Edilson (Pós) e Artur (Matemática). Ao todo são 15 office-boys nos 3 campi.

Desde junho, 10 boys se reúnem toda 6ª feira com Assistentes Sociais, Matilde e Marília. A idéia nasceu de uma solicitação da Reitora à Faculdade. A entrevista foi feita numa reunião dessas.

PRÓS E CONTRAS

"Acho legal ser boy, quando pede por favor eu faço o serviço, mas quando não pede, ficou chocadão. Aqui na PUC a maioria das pessoas são legais, só algumas que são horríveis. Pretendo subir, por isso estudo, quero ser mecânico de automóvel, coisa jóia". (Clemente)

"Só não gosto quando tratam mal. Ser office-boy não dá futuro, serve só pra gente subir. Eu gostaria de ser engenheiro de plantas". (Adilson).

"É, quando passa dos 16 anos tem que providenciar outra profissão melhor". (Clemente). "Ser boy é bom porque a gente aprende a andar na rua, tratar as pessoas" (Anselmo).

Mas nem tudo são flores. E eles botam a boca no trombone: "Tem gente que gosta de montar na gente igual um cavalo, pensam que somos palhaço, nem pedem por favor... No princípio me trataram bem, depois entraram umas coisinhas, davam bronca por qualquer bobagem. Se mandam a gente pra Cidade, o serviço aqui fica acumulado. O salário dá pra quebrar o galho; só não gosto quando passam pela gente sem cumprimentar... Pensam que por termos baixo nível de escolaridade (sic), se derem alguma coisa vamos abusar... Tem funcionário que ganha pixo pra caramba. Nós ganhamos salário sofrido, xingado, ainda ajuda casa. Não temos condição mínima pra comprar roupa e ainda tem que ouvir "olha só que roupa feia, tudo rasgado". Proble-



Edilson, Luis, Artur, Adilson, Anselmo, Paulo, Clemente

BOY TAMBÉM É GENTE

O que sentem, como pensam esses adolescentes, que querem ter vez

ma nosso, nossa roupa não ocupa o tempo, a energia deles. Se a gente tivesse condição, comprava roupa com gosto... Eu ando bonito, uso roupa "no ato" porque pego parte do meu pagamento e compro uma calça, uma camisa". (Vários)

"NA REUNIÃO A GENTE DESABAFÁ"

"Quando vem essa reunião de 6ª feira, a gente solta o que tem dentro, desabafa um pouco, fica contente" (Adilson). "É, essa reunião é uma boa pra gente se conhecer" (Artur). "A gente descansa muito mais a cabeça, assiste um filminho" (Anselmo). "Aqui a gente pode desabafar os problemas, as mulheres orientam a gente, ficamos tranquilos, leve" (Clemente).

Segundo as Assistentes Sociais, os boys sugeriram em outra ocasião esse tipo de reunião para outros funcionários.

"O grupo me ajudou como pessoa. Nossa relação não é diretiva, como em outros estágios. Os boys me ensinaram a aceitar as pessoas, o que acho fundamental na assistente social. Desde a preparação, quando fizemos uma entrevista individual, aprendi que os valores

deles são diferentes, com normas e brincadeiras próprias". (Matilde).

"O horário da reunião é deles, a gente não reprime ninguém e isso nos libertou. Nossa primeira tendência é levá-los a fazer o que queremos".

"No início a gente ficou insegura. Eu mesma questionava a validade do trabalho, achando mais básicas as necessidades de comida, habitação do que esses papos, formação da pessoa. Mas eles asusmem mesmo, partimos das expectativas deles — até karatê eles queriam. Com pouco tempo eles estão mais solidários, vencendo uma fase inicial individualista." (Marília)

Segundo Matilde e Marília, que conduzem o trabalho com os boys, eles se ressentem por falta de espaço para se encontrarem, treinar datilografia. Para os boys, a Univ. não devia ser só dos estudantes. "Os estudantes mandam a gente embora quando vamos na quadra, na sinuca" (Adilson). "A gente só tem bronca dos alunos quando eles reclamam da gente jogar pebolim no C.A. 22 de Agosto." (Clemente). A gente jogava no Salão Beta, mas proibiram; não sabemos quem foi, senão íamos lá conversar" (Anselmo).

"ATÉ FEIRA TENHO QUE FAZER" Quando se toca em condições de trabalho, sai até denúncia de mordomia: "Já me mandaram na feira comprar verdura e nem agradeceram ... Tem outro problema; mandam a gente fazer serviços em cima da hora de sair. Resultado, chegamos atrasados na escola, atrapalha o estudo... Esse negócio de mandarem comprar lanchinho não está certo. A gente está a serviço da Universidade e não particular... As mulheres parecem aleijadas! Aproveitam porque a gente é baixo. Até o salário é baixo: não dá pra gastar nada no fim de semana... O boy é muito desprivilegiado, muito escravizado. Garanto que a gente tem mais cultura que o pessoal de limpeza e eles ganham mais. Tá certo, eles trabalham o dia inteiro: errado é a gente ganhar pouco assim. Outra coisa, qualquer coisinha a gente é mandado embora, o que não acontece com os outros funcionários. Tem gente que subiu, esquece que não foi nada na vida e fica montando na gente" (Vários)-

FALTA UM GUARDA-CHUVA

"Boy tem muitos perigos, pode ser roubado. Isto quase aconteceu comigo na Monte Alegre, lá em baixo." (Anselmo). "Esse serviço não é coisa fácil. Tem vez que a gente sai em baixo de chuva e não dá pra cada um comprar seu guarda-chuva. Se molha os papéis. O chefe vai encher o saco porque o serviço estragou." (Clemente). "A PUC é riquíssima. Aqui tem uma cambada de chorão que consegue o que quer. Podiam arrumar um guarda-chuva pra gente. Por lei, todo boy deve ter um guia..."

Porandubas: Que tipo de guia, orixá? — Não, um guia de S. Paulo, pra saber as ruas. Devia ter verba pra taxi, em serviços urgentes, feitos perto da hora de saída. Assim a gente não chega atrasado na escola". (Artur). "Não tá legal o rango do restaurante. Pensam que a gente é porco, ô meu? Vem cabelo, fósforo, bichinho na salada. O restaurante fede azedo, o copo e canudo é de segunda-mão" (Luís).

Quanto à AFAPUC, eles demonstram interesse em conhecer melhor. Pensam que a taxa de Cr\$ 20,00 é muito alta. Esperam um comunicado da Lacta que explique os planos da Associação. E finalizam: "se explicassem pra gente, tudo bem, a gente entrava."

FAXINEIRAS

"Eles suja, nós limpa"

Um uniforme azul. Outro uniforme azul. Raramente prestamos atenção a quem está dentro deles. Turno após turno elas garantem a limpeza dos prédios, entregam café e outros serviços. Vieram do Nordeste, do Interior e moram longe, na periferia. Daqui na casa delas se demora hora e meia pelo menos. Sendo faxineiras, serventes, elas lutam pela sobrevivência de filhos e parentes.

Muitas vezes dividem com o companheiro mais as responsabilidades de família a nível material que afetivo.

ROTINA, ROTINA, ROTINA...

Todo dia elas fazem tudo sempre igual. "Os estudantes, sujam, a gente limpa". O que quebra a rotina? Algum desentendimento, devido à sobrecarga no serviço; ao tratamento diferente entre as mais velhas e as jovens; à atribui-

ção de tarefas melhores a certas pessoas. Elas já chegam cansadas no serviço: levantam cedo, a "viagem" é cansativa, é preciso deixar a casa em ordem com marmitas para quem sai e comida pra quem fica. É constante a lembrança dos filhos pequenos em casa. Por isso algumas preferem trabalhar à noite, "enquanto eles dormem". Para elas, a creche é um sonho impossível, devido à dificuldade de pagar, de trazer o filho para cá. Segundo elas, a creche é para funcionários mais finos, professores.

MISTURAR A MISTURA

"Salário? É mínimo, se é justo não sei. Dá pra viver, muito mal".

Elas nem sabem do seu direito de comer carne, tomar leite. As vitaminas e proteínas necessárias foram substituídas por algo genérico: a "mistura". O intervalo para o almoço é uma hora triste. O

ritual de esquentar a marmita ou trocar alguma mistura, é quando se estabelece algum laço de solidariedade. O local de refeição é acanhado, adaptação de um antigo banheiro: "quem se lava, come e caga no mesmo lugar, é preso". Algumas preferem comer "depois" por vergonha da comida que levam, ou até, que não levam.

"Nessa escola, só a gente tem uniforme. Nas outras, os alunos é que têm, não é? Não entendo: se tá tudo sujo, todo mundo se suja, né?" Certa vez, no TUCA em 1973, D. Pedro Casaldáliga foi interpelado sobre o que achava sobre a Universidade. "Parece um grande estacionamento", disse ele. Palavra de Bispo não se discute.

SUJEIRA DE RICO, SUJEIRA DE POBRE

"Olha, aqui moça, antes eu queria que meu filho estudasse, fosse doutor."



Hoje mudei de idéia. Por quê? Se ele vem estudar aqui, tô danada. A gente entra nas salas, tá tudo sujo, de papel, casca de mexerica, cigarro, cuspidá.

Nos banheiros, fazem tudo pra fora, parece que não tem em casa; é pior que pobre. Tem gente que é pobre mas é limpa. Aqui tá tudo desavergonhado, eu não tenho coragem de dizer o que está escrito lá. Já esfreguei bom-bril três vezes. Senvergonhice de mulher é pior: fosse de homem, é aquilo mesmo que a gente sabe. Mas se pra ser doutor precisa virar isso, daí eu prefiro que ele trabalhe em fábrica. Lá pelo menos a sujeira que tem é do trabalho, né?"

"Aqui ninguém cumprimenta a gente, nem dá confiança. Na minha terra todo mundo diz bom dia, boa tarde, como va"i. Depois, nunca vi ninguém estudando. Só vejo eles carregar os livro, ninguém prega olho neles".

DIREITOS TRABALHISTAS

A maioria desconhece os direitos trabalhistas: sabem apenas que é importante ter a carteira assinada. Sabem que ganham pouco mas não estão dispostas

a reivindicar melhoria salarial. Para elas a Associação de Funcionários é para gente mais de cima, que tem dispensa para ir nas reuniões, que sabe falar. Sobretudo, elas têm medo de, ao reclamar da sujeira dos "grandes" (os alunos) venham a perder o emprego.

FORMAS DE CONTROLE

Uma reivindicação importante é a de "poder conversar", simplesmente. "Senão a gente acaba louca. Preciso desabafar com alguém. Mas logo vem o chefe e a gente não pode ficar parada".

Nosso interesse por elas as preocupou. Foi difícil convencê-las de que não éramos fiscais. Fomos procurá-las em suas casas, onde estavam mais à vontade. Lá percebemos o carinho de quem sai antes do filho acordar para não enfrentar o choro da despedida, de quem paga às vizinhas para cuidar dos filhos, de quem trabalha na PUC e em casa particular.

"A gente pensava que invasão policial só acontecia com pobre, trabalhador ou bandido. A gente falou da sujeira, mas subversivos eles não são. Coitados, eles só gritam nas passeatas, na

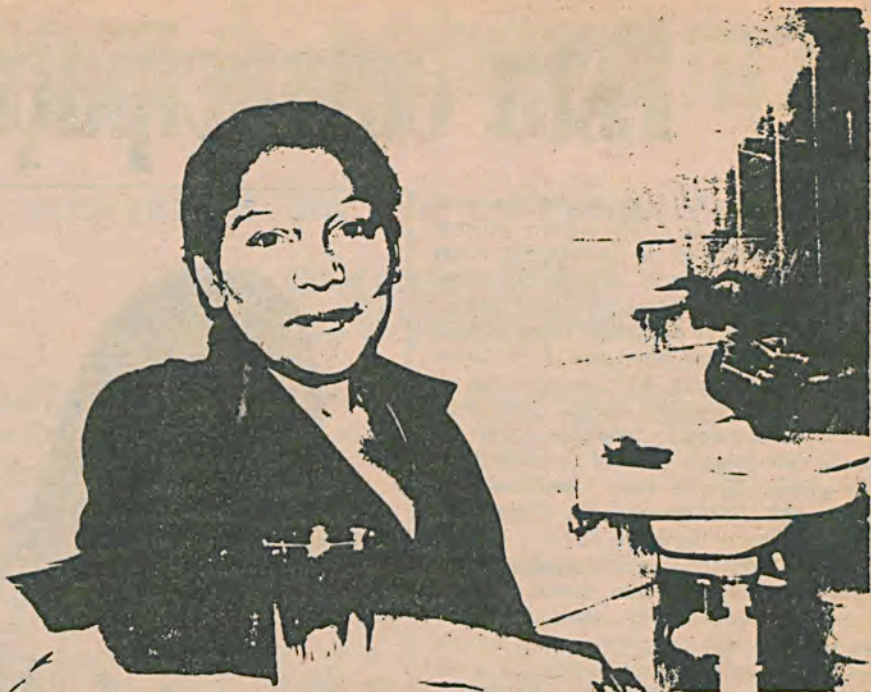


Foto Fernando Zanetti

frente de teatro. Só vira a canoa quando a gente viver que nem nós. Meu marido disse que a gente miúda ainda é pouca quantidade."

A QUEM INTERESSAM AS "TENDÊNCIAS ESTUDANTIS"

(OCTAVIO IANNI)

FRAQUEZA DA FORÇA

Talvez a principal questão a ser examinada pelo movimento estudantil seja o fato da sua notável e crescente controvérsia interna. São diversas, muitas e contraditórias as orientações políticas que os estudantes têm assumido em 1977 e 1978. O movimento estudantil parece que se acha em processo de acelamento. A vitalidade das suas muitas orientações é precisamente a fraqueza da sua existência, atuação ou significado. Esse parece ser o principal impasse em que se acha o movimento estudantil.

Se entendemos o movimento estudantil como aquele que luta pela democracia - burguesa ou socialista - é inegável que ele está extremamente dividido em tendências. E, como tal, muito se enfraquece, esteriliza. Perde a força de movimento, para ganhar a ilusão de tendência original, abstrata. São grupos e grupúsculos, com suas teses, programas, análises, palavras de ordem, posições, verdades. Cada tendência possui uma interpretação própria, original, da conjuntura e da estrutura, da tortura e da ditadura, do papel do estudante e do operário, da universidade e do intelectual etc.

INTELLECTUAL IDEALISTA

Talvez haja algo intrínseco à condição estudantil que leva o movimento a dividir-se em muitos. Vejamos uma hipótese.

O estudante é um intelectual sui generis. Como intelectual, é levado a pensar que a realidade social (os acontecimentos econômicos e políticos, a história) é principalmente o que se pensa. A forma pela qual ele entra em contacto com os problemas sociais, na sala de aula, por meio dos livros, através do discurso do professor ou próprio, o

induz a construir, em geral, uma imagem abstrata, idealizada do real. E isso ocorre frequentemente, inclusive com os que buscam apoio no método dialético. É verdade que a sua experiência de vida, a sua vivência cotidiana, na casa, na escola, no escritório, loja, banco e em outras situações de vida e trabalho, leva-o a ampliar, diversificar e enriquecer a sua atividade intelectual. Inclusive são muitos os estudantes que corrigem, com sucesso, o idealismo do ensino e da pesquisa, pelo confronto com a sua experiência cotidiana de vida e trabalho. Em geral, no entanto, o estudante é um intelectual idealista. Devido à maneira pela qual se organiza o ensino e a pesquisa, na universidade, é levado a pensar a realidade social como uma realidade que existe no pensamento. Pensa que pensa o que pensa. Com frequência, o estudante é levado a pen-

sar tão abstratamente como o professor, que é profissional da praxis imaginária.

ENQUANTOS OS GATOS BRIGAM...

É inegável que a existência das muitas tendências é um sinal de vitalidade política. Que a multiplicação é um exercício criativo, de liberdade, de busca de opções etc.

Mas também é inegável que essa multiplicação de tendências enfraquece o movimento estudantil. Torna-o acadêmico, especulativo, diletante. Inclusive o coloca a serviço da ditadura. Na medida em que à ditadura interessa a fragmentação das oposições e as controvérsias entre estas, a multiplicação das tendências serve à ditadura. Não falo das infiltrações, dos provocadores. Mas isso também está no contexto das muitas tendências. A ditadura se garante - ou

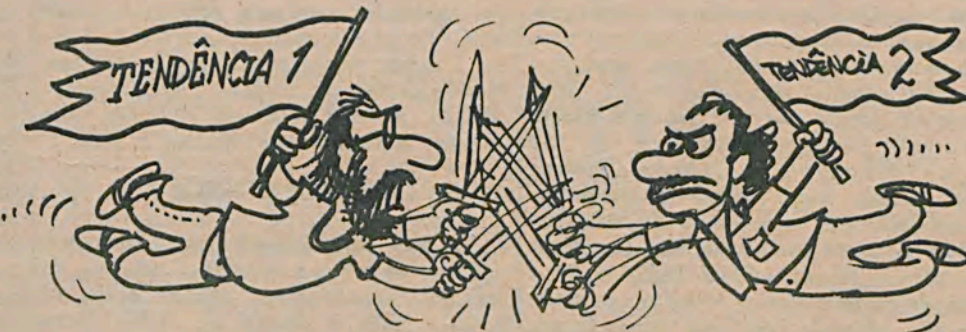
trata de garantir-se - por todos os meios. Um deles, apenas um, é provocar ou acentuar as divisões das oposições. Nisso está uma das forças da ditadura.

Além do mais, os estudantes são muitos, diversos e contraditórios, em sua constituição social. Naturalmente.

GAMA COMPLEXA

A análise do movimento estudantil — entendido como atuação política do estudante universitário no sentido da democracia burguesa ou socialista — fica um pouco mais realista, e complicada, quando começa por reconhecer que os estudantes se distribuem em uma gama bastante grande de posições: democratas, socialistas, indiferentes, acomodados, conservadores, reacionários, fascistas, funcionários dos serviços de informação, etc. Os que aparecem — parece — são os que querem a democracia: burguesa ou socialista. Inclusive aparecem mais os que colocam as suas posições, de modo aberto, contra a ditadura, a censura, a tortura etc. Mas estes, que aparecem, são apenas uma parcela, às vezes pequena. A maioria, de longe, se distribui entre os indiferentes, acomodados, conservadores ou reacionários.

Na prática, há muitos pontos comuns, entre os que lutam pela democracia. As várias e muitas tendências poderiam aglutinar-se, juntar-se, no movimento estudantil. Todos reconhecem que a ditadura está aí; que mais do que nunca, o poder estatal foi posto a serviço do capital monopolista; que o imperialismo entrou ainda mais fundo no sistema econômico e político brasileiro; que a ditadura, a censura a tortura etc. são exigências do grande capital monopolista, que a ditadura quer vestir-se de roupagens democráticas; etc. Ou não reconhecem. Dividem-se. Favorecem a ditadura.



Esta emancipação é um genocídio!

Noite do dia 8/11. Tuca, completamente lotado — mais de 2.500 pessoas. Moções de solidariedade, só de associações, havia 118 e de personalidades cerca de 60. Manifestaram-se representantes de inúmeras Universidades, setores da Igreja, Cimi, o Balet Stagium, a Câmara Municipal de S. Carlos, entidades estudantis, UEE, associações de antropólogos, cientistas sociais, Sociedades contra loteamentos clandestinos em SP, Claude Lévi-Strauss e várias personalidades estrangeiras. Dentre todos, destacaram-se representantes de comunidades indígenas do Xingu, do Sul e do Mato Grosso.

Era o Ato Público contra a falsa emancipação do índio. A sessão dividiu-se em 4 partes; um histórico da emancipação, denúncias de crimes concretos contra populações indígenas, pronunciamentos de representantes de tribos, comentários de especialistas. Durou das 20.30 h às 2 da madrugada.

REPUDIO

A antropóloga Carmen Junqueira, da PUC, presidiu a sessão. "Este, disse ela, será um ponto de partida para a consciência democrática atenta para o patrimônio cultural e material indígena. Mostra a unidade dos antropólogos, indigenistas, missionários, estudantes diante da emancipação do índio. É um repúdio ao ato de emancipação do índio, entendido como cessação da proteção. Devemos pedir às comissões apenas aquilo que tiverem capacidade de mudar, devendo-se respeitar as diferenças em nome da justiça."

Durante a sessão foi lançado pela mesa um manifesto a ser assinado por quem se interessasse, para ser enviado às autoridades:

"Toda e qualquer tentativa por parte do governo de alterar o estatuto do índio e de regular a emancipação das comunidades indígenas foi unanimemente considerada por indigenistas, missionários, antropólogos, pessoas e entidades interessadas no problema indígena, inoportuna, falsa e levando em maior ou menor prazo à perda de suas terras. Os participantes do ato público realizado no TUCA em São Paulo, a 8/11/78, repudiam portanto qualquer regulamentação das emancipações e exigem ao contrário e conclusão da demarcação das terras indígenas até o fim de 78, tal como prevê o Estatuto do índio.

FALAM OS INDIOS

O momento que causou maior impressão ao público foi da comunicação dos representantes indígenas. "Essa emancipação nos deixa preocupados. Vai terminar o povo kaingang. O nosso Governo, nosso Presidente, também tem que sentir os sofrimentos que nosso povo tem passado. Já faz 40 anos que ele podia estar disciplinando o índio para depois emancipar. "(Pedro Kaingang). Parti do Rio Grande para essa reunião, dizer o que vem acontecendo para os índios. Fico contente com esse imenso povo que vem para a reunião de São Paulo. Essa emancipação é uma coisa que a gente não entende. Eu entendo, mas tem comunidade que nem sabe falar caboclo. Pensei que estava sozinho mas vejo que tem gente por nós. Emancipação só vai servir para tirar nossas terras, não é direito" (Alcindo, cacique Kaingang).

"Povo querido, vou falar um pouco para vocês. Sentimos os problemas há muito tempo. Vocês são civilizados, como a gente chama: é uma vivência diferente que a dos índios. Talvez que pode ser o costume de vocês, querem uma vivência justa para vocês, mas que não serve para nós. Não estou querendo criticar mas é bom respeitar a nossa, temos direito de reclamar nossa vivência. "(Nelson Xangrê, kaingang.)

"Essa emancipação é um grande crime contra todos os índios do Brasil. Peço que vocês não admirem minha expressão. Isso mostra que o índio atualmente tem outra dimensão na sua forma de pensar, de agir. Hoje em dia não somos mais aqueles selvagens que a TV, o cinema continua auxiliando para a deterioração... quer dizer, para a falsa



Foto Geraldo Guimarães

imagem que muitos da sociedade branca têm sobre nós, um tipo de estereótipos (sic), de falso índio. Que vossas consciências se tornem a de outras pessoas iguais a vocês na nossa verdadeira emancipação que não será feita por governo ou Ministro do Interior ou seja lá o que for. Ela será feita por nós mesmos, assim como todas as massas oprimidas, nós também estamos formando nossas consciências para exigir nossos direitos. A emancipação é uma arma mortífera". (Daniel Matenho Cabixi).

TUDO COMEÇOU QUANDO...

Eduardo Viveiros de Castro historiou os principais passos desta emancipação. O Ministro Rangel Reis, desde 74 queria criar uma política acelerada de integração, taxando de "belas idéias preservar o índio no seu habitat". O ministro criticou o Parque Nacional do Xingu, declarando em outras ocasiões que por essa nova medida de emancipação serão atingidos 2.000 índios, sendo que no atual governo serão apenas 100. Mais tarde ele admite que esse processo deverá durar uns processo deverá durar uns 100 anos. O discurso oficial aos povos deixou de falar do índio como entrave ao desenvolvimento nacional, passando a defender seu direito de participar plenamente da cidadania integral. Perante a CPI de Índio, em 77, o Min. defendeu o direito do índio ao crédito agrícola, educação dos filhos. Mário Juruna comenta essa idéia de Rangel Reis: "para emancipar, basta garantir nosso direito à terra, o resto sabemos como fazer". Em 77, os Terena, usados como exemplo de emancipação, declararam-se contra a medida oficial, que seria mais uma forma de ficar com a terra do índio.

Em março de 78, 150 antropólogos e indigenistas assinam manifesto contra a alteração no Estatuto do Índio por decisão arbitrária do governo. Seria uma forma de o governo se liberar da responsabilidade de demarcar as terras indígenas. Os antropólogos foram convidados para discutir à minuta do projeto em Brasília, mais com o intuito de

sacramentarem decisões tomadas. Nesta reunião até o diretor da FUNAI reconheceu que não havia atualmente comunidade indígena capaz de ser emancipada. Os antropólogos defenderam a criação de mecanismos de tutela responsável além de amplo debate sobre a questão. Rangel Reis segue enviando minutas sigilosas aos superiores, evitando o debate amplo. A CNBB e CIMI manifestam-se contra a medida, formam-se Comissões Pró-Índio no Rio, em Belo Horizonte, em Belém.

Recentemente publicou-se a exposição de motivos da 2ª minuta sigilosa, incorporando o vocabulário e o raciocínio dos antropólogos contrários, mas sem tocar em questões essenciais. Estas questões seriam a da terra e da forma curiosa como seria o plebiscito pela emancipação das comunidades indígenas. Votariam apenas os índios que sabem ler português, capazes de atuar utilmente na comunidade nacional. Se houver 3 índios nessas condições eles decidem sobre o destino de sua aldeia. Após a emancipação, a terra reverterá à União, que poderá "eventualmente" doá-las à tribo.

CASOS DE GENOCÍDIO

A profª Lux Vidal analisou casos ocorridos com os terena e os gaviões que estão na lista dos "emancipáveis" oficiais. Assim, os gaviões estão a serviço da FUNAI para exploração da castanha do Pará, perderam suas terras e foram deslocados para a beira da estrada. Os bororo foram "integrados" num projeto de desenvolvimento da FUNAI que os prende mediante o sistema de vales pelo que retiram na cantina. A reserva paracanã será inundada por uma hidrelétrica. Diante de fatos como esses, pergunta-se qual é o critério de "eficácia" na atividade econômica que levará à emancipação das comunidades sem destruí-las em sua cultura nem criar disputas internas. Que integração harmoniosa será essa?

Cláudio Andujar trouxe o testemunho da destruição dos yanomani em 77 pela

estrada Perimetral Norte, que liga o Amapá ao Amazonas. Em 10 meses uma tribo que se mudara para perto da estrada, teve 11 epidemias de gripe. A FUNAI assinou convênio com o Vale do Rio Doce para exploração de cassiterita numa área onde há 2.300 índios. Esses povos são frágeis diante do assalto da nossa sociedade, despreparada para receber sua mensagem, voltada para si e pouco preocupada com os valores dos que não lhe oferecem vantagens imediatas. Que possibilidades de sobrevivência têm elas?

Segundo Sílvio Coelho dos Santos, o projeto de incorporando o índio não-índio, incorporando-o aos 60 milhões de brasileiros miseráveis. Rangel Reis chegou a dizer que a inalienabilidade das terras dos índios afeta seus direitos humanos. No Sul, a FUNAI explora o patrimônio do índio com altos interesses em madeira. São feitas severas críticas à FUNAI como tutora; os direitos dos índios estão na legislação nacional e internacional.

ASPECTOS JURÍDICOS

Dalmo Dallari esclareceu a situação jurídica da pessoa do índio. "Emancipado é o indivíduo em gozo da plenitude de seus direitos: são os maiores de 21 anos. Os maiores de 16 e menores de 21 anos, são "relativamente capazes", tutelados: é o caso dos índios. Seu tutor é a FUNAI. A emancipação é a liberdade da tutela, da proteção: ele deixa de ser índio por efeitos legais, sem assistência especial. Há uma grande contradição: depois de integrado na comunidade nacional é que o índio deveria ser emancipado e não o contrário como o governo quer. Esse projeto não vem por acaso: a situação da terra do índio é empecilho para o desenvolvimento nacional (ou seria multinacional?). O dono da terra do índio é a União. Ao índio cabe a posse da terra e usufruto de suas riquezas. A terra não pode ser vendida ou doada pela União quando ocupada pelo índio, sendo propriedade coletiva. Mas, se o índio deixar de ser índio, a terra deixa de ser inalienável. A FUNAI não tem autonomia diante da "Segurança e Desenvolvimento" oficiais: daí sua ineficiência em demarcar as terras dos índios. O que se deve fazer é aperfeiçoar esta tutela. Há uma ironia nisso: quem força a emancipação do índio a nega a 120 milhões de brancos..."

EXTERMÍNIO OFICIAL

Roberto Cardoso de Oliveira lembrou que individualmente basta ao índio ter carteira de identidade, de eleitor, reservista para ser emancipado não necessitando de legislação especial. A emancipação coletiva seria institucionalizar uma fome e dividir a vida tribal: ela está aquém das suas necessidades que são a demarcação dos territórios.

Pe. Antônio Iasi relatou o extermínio que sofreu os nambiquara do vale do Guaporé, no Mato Grosso. Se antigamente eles eram mortos a metralhadora, agora basta à FUNAI distribuir falsas certidões negativas — necessárias à ocupação da terra pelas companhias que usam incentivos fiscais da SUDAM — que afirmam não haver índios na região pretendida. Em pouco tempo, eles deixarão de existir, sua situação é comparável à dos exilados de Biafra.

Darcy Ribeiro lembra que só 1/3 do território indígena foi demarcado. A área total dessas terras não corresponde ao que 3 Ludwig teriam na Amazônia. D. Thomás Balduino falou da luta do CIMI contra esse "submundo escuro onde se tramam as coisas e se decidem os destinos do cidadão em favor de grupos econômicos". Denunciou os interesses escusos e alianças dos homens públicos com fazendeiros e companhias. Diante da afirmação de que provavelmente o Presidente aprovaria o projeto, Orlando Villas Boas só via duas saídas: ou morrer os índios ou se faz uma ampla ação popular. A terra para o índio tem estreita ligação aos rituais: dividindo-se o território, sua cultura fica esfacelada e comprometida sua sobrevivência psíquica.

Índio ou branco: quem é selvagem?

Gente da PUC fala de sua experiência com civilizações que nos ensinam



INTEGRAÇÃO DE BRANCO, INTEGRAÇÃO DE ÍNDIO

CARMEN JUNQUEIRA (antropóloga)

O HOMEM QUE VIROU FORMIGA

Este fato é relatado por Darcy Ribeiro em "Os Índios e a Civilização". Na primeira década deste século, por ocasião da abertura da estrada de ferro Noroeste, iniciou-se uma época de grandes conflitos com os kaingang, lá onde hoje é Tupã, Penápolis. Estes indígenas resistiram tenazmente à invasão de suas terras. Depois de anos estabeleceu-se a pacificação. Neste quadro deu-se um fato expressivo. Um chefe guerreiro foi convidado pelo engenheiro, com a melhor intenção, para conhecer a "cidade dos brancos". Viajaria de trem até São Paulo. O chefe entrou no trem, orgulhoso de sua sua condição, tratando o engenheiro de igual para igual. Contava os feitos de seu povo, suas tradições mais caras. Aos poucos iam aparecendo vilarejos e o chefe perguntava: "É aqui sua capital?". Os vilarejos iam aumentando e o cacique, estarecido: "É que sua capital" O engenheiro dizia: "Não é maior!" Quando chegou, o cacique compreendeu que ali ele era um mero índio, dominado por um povo muito mais rico e poderoso. O chefe estava calado, imbuído de melancolia, completamente desmoralizado. Saiu homem, chegou formiga.

UMA FAMÍLIA DIFERENTE

Kamayurá menino chama irmã da mãe de "mãezinha" e irmão do pai de

"paizinho". Assim Kamayurá menino mostra que muita gente deve cuidar para crianças amadurecerem. Família do branco é mais fechada, quer ser dona da criança. Quando o filho do índio nasce, os pais se cuidam para não passar perigo para a criança. Até ela andar, os pais não podem comer várias coisas para o filho não ficar com a perna bamba. O pai, depois do nascimento, vai pra rede se proteger dos malefícios. Ele tem pavor de sonhar e seu sonho atingir o filho. Os pais são frágeis e assim a tribo ajuda. Índio ganha nome do avô mas só depois de encorpar: senão a criança morre e se perde um nome. Criança índia pode tudo: qualquer miadinho é sinal que ela quer carinho e vai todo mundo lá. No Xingu faz muito frio: nesse tempo a mãe passa a noite toda soprando quente no cangote do filho. A criancinha manda, até a hora que nasce outra e o mais velho tem que fazer as vontades do menor.

Índio bom, adulto, é aquele que é generoso. Os chefes ganham muitos presentes mas o grande chefe é o que é generoso, distribui tudo. Lá se compete para ver quem é mais generoso, eles treinam desde a infância. As vezes, não precisa nem elogiar alguma coisa, um peixe. Basta olhar muito e eles dão aquilo pra gente.

KAINGANG

DARCY PIVETTA (missionário jesuíta, pós-graduando em Antropologia)

"Kaingang" quer dizer gente do mato". No tempo das Reduções, os jesuítas não conseguiram domesticá-los, daí o nome. São do Grupo Gê. Atualmente espalham-se por S. Paulo, S. Catarina, Paraná, Rio G. do Sul, sendo 9.000 indivíduos ao todo. Sua língua se divide em 5 troncos linguísticos, com estrutura comum mas que não se entendem entre si.

PROPRIEDADE COMUM

O que Kaingang tem é de todos. Principalmente a alimentação, que tem um valor sagrado. Quem comer junto, fica aliado. Quando as pessoas vão chegando na casa o chimarrão logo é oferecido. Certa vez houve caso de não haver comida. Então o dono da casa mandou seu filho fazer compra na cidadezinha: o rapaz andou mais de 4 horas. Se você passa fome, pode ir com quem não é parente que ele dá alimento. Desse jeito, se um membro da família trabalha, ele alimenta os parentes, não precisa os outros trabalharem.

Teve um caso no posto de Palmas, no Paraná. Por volta de 1930 havia muitas expedições de "bugreiros", para exterminar os índios, finalmente "pacificados" por volta de 1940. Kaingang é excelente fisionomista, não esquece quem ele vê. Em 1948 um antigo bugreiro foi a Palmas, onde ele tinha feito uma chacina de índios e lá foi almoçar com o encarregado do Serviço de Proteção ao Índio, chamado Fioravante Esperança. Os índios, ao verem o antigo "bugreiro"

se tornando aliado de Fioravante, concluíram que o encarregado ia amansá-los para depois acabar com eles. Antes que isso acontecesse, pegaram nas armas e mataram todos, com família e tudo.

METADE DO SOL, METADE DA LUA

Kaingang existe no Brasil há pelo menos 2.000 anos. Como é que grupos de 300 pessoas conseguem evitar cruzamentos consanguíneos, evitam casamentos entre parentes próximos de modo que viriam filhos anormais? É que cada tribo se divide em metades: os descendentes de Kanhukré (o sol) e de Kamé, seus filhos e filhas serão kamé. Quando os filhos casarem, sua descendência será kamé; as filhas têm de casar com o pessoal da outra metade (kanhukré). Isso dá uma certeza de que os parentes não casam entre si.

Entre eles há festas, cada metade apresenta seus cantos, num sentido de integração com a natureza. Na vida diária, não há necessidade de eles trabalharem muito. Dormem 13, 14 horas por dia. O resto do tempo eles dançam e principalmente visitam muito uns aos outros. A visita é um dever sagrado, muito mais importante que o trabalho.

Suas estórias mostram um modo de ver as coisas que vem do passado. As casas têm chão de terra, onde se acendem foguerias e eles ficam contando casos a noite toda. Kaingang é muito gozador, malicioso: suas estórias envolvem o macaco e a onça e outros animais. Seus grupos de caça são muito solidários, vão fazendo farra, contam estória o tempo todo, acordam jogando brasas uns nos outros, morrem de rir.

ALMA DA RAÇA GUARANI

Maria Angélica Soler (Professora Dept. História)

RESISTÊNCIA GUARANI

No Paraguai, não há quem não tenha sangue índio. A língua guarani é falada pelas classes mais baixas — cerca de 2 milhões de pessoas — sendo desprezada pela gente rica. "Falar guarani atrapalha a boa pronúncia espanhola", dizem os ricos. Atualmente há preocupação em se preservar o guarani; por isso ele é ensinado na TV, nas escolas. Esta preservação da língua original começou com as Reduções jesuíticas, as "7 Cidades", embora o Rei da Espanha recomendasse que os padres usassem o castelhano na catequese dos índios. O guarani atual é diferente do antigo. Hoje há maior simplificação mas não há tanta harmonia, nem plasticidade como antigamente. Apesar disso, é o guarani que une os homens, é onde eles encontram a "alma da raça" dos antepassados. O paraguaio pensa e canta em guarani. "El guarani nos vincula con la tierra, y es la mitad de esa realidad colectiva que se llamama nación paraguayaya, parte esencial de su personalidad. El guarani es naturaleza, verbo puro, poesia fácil. El guarani es la edad

de oro del hombre, el paraíso perdido. Por eso es nostálgico y suave" (Anselmo Peralta).

O CANTO

Mesmo antes da chegada dos espanhóis, o índio guarani tinha uma personalidade reservada, triste. Ele só se abria no canto. O paraguaio só se sente à vontade, seu sentimento nativo só aflora na música, cheia de sentimento, dolência. Quando traduzida para o castelhano a música perde muito. Há dois tipos: a polca, mais rápida e própria para a dança, e a guarânia, mais para cantar e meditar. Um exemplo de guarânia é "Índia", de Manuel Ortiz Guerrero. Esta música foi deturpada na tradução para o português. Muito da música caipira — afinal de origem indígena — vem da influência da guarânia. Atualmente este tipo de música tenta buscar o passado nativo. A guarânia que é produzida pelos exilados da ditadura Stroessner (contam-se em cerca de 1,5 milhões, somados a 3 milhões de descendentes) é de protesto, ao estilo de Mercedes Sosa.

A Psicologia em debate

PSICOLOGIA E MARGINALIZAÇÃO

(MARIA DO CARMO GUEDES)

Pedem-me para falar sobre o marginalizado. Mas eu sequer trabalho com marginalizados! A não ser que marginalizado também seja o estudante, impedido de participar da discussão e de discussões que afetam diretamente sua vida. A não ser que marginalizado seja o professor, que mal conhece seus direitos e deveres. Mas não pretendo aplicar o termo "marginalizado", já que é usado para a condição de pobreza: convenhamos que em nosso País, alunos e professores universitários são absurdamente ricos.

HORA DA VERDADE

Trabalhamos para o Sistema. Nada de novo, mas é bom repisar, por que não? Em vez de os psicólogos se preocuparem, é bom definir melhor a razão desta preocupação. TODOS trabalhamos para a manutenção das coisas, quer presos a instituições ou na aparente liberdade do profissional autônomo. Quer sendo classe média, classe média-média, a dita alta, a média-baixa, até a bem-baixa.

Mas, por que trabalhamos para a manutenção das coisas? Por que vivemos nelas e delas? Arrisco um porquê: trabalhamos assim porque queremos. É papo essa estória de "a prática exige", "o sistema não permite outra coisa". Já existe até uma proposta modesta: interromper imediatamente o trabalho com alta probabilidade de estar a serviço da riqueza e do poder. Concretamente não significa sair do emprego, mas pode significar perdê-lo. Não significa aceitar emprego sem remuneração, mas pode significar optar por emprego mal remunerado. Não quer dizer escolha de marginalidade como forma de atuação mas pode significar a marginalização consequente ao fato de ser incômodo ao sistema.

PSICÓLOGO TAMBÉM É TRABALHADOR

Competem-nos dois papéis profissionais enquanto trabalhadores da área psicológica: responder pela produção de conhecimentos e por sua aplicação e ensino.

À Psicologia poderia caber um papel muito especial: analisar as formas de controle da Sociedade, mas principalmente as formas de contra-controles que os indivíduos de recursos limitados poderiam usar. Um papel de aplicar um projeto claro e comprometido com a construção de uma nova sociedade, de uma sociedade de homens novos. Este projeto nos comprometeria na pesquisa e na sua aplicação.

É preciso denunciar que nossa participação nos níveis políticos de decisão nunca aconteceu, porque nossa análise dura apenas o tempo de nossas reuniões, as quais são mera oportunidade para analisar. Embora pretenciosos, somos tímidos e preguiçosos: por isso copiamos o código de ética dos médicos embora rejeitemos sua análise e atuação.

NÃO ENTREGAR OURO AO BANDIDO

Se queremos que a ciência do comportamento esteja a serviço de uma nova sociedade, temos que fazer grandes mudanças em nossa forma de trabalho, de assumir o trabalho, de responder a ele. Arrisco algumas propostas concretas:

— fazer nosso trabalho se transformar em pesquisa que possa ajudar em oportunidades futuras.

— a Psicologia não deve ser uma produção para consumo, mas para uso.

— ter claro quem é dono do meu trabalho.

Por exemplo, ao denunciar a situação do "bóia-fria", a quem servem os estudiosos? Não poderia ser exatamente ao Sistema? O intelectual apocalíptico ao denunciar, não estaria favorecendo ao Sistema a possibilidade de se rever, e portanto se fortalecer? Qual a saída: esconder o conhecimento? Talvez a saída sej seja o que o intelectual não tem sabido fazer em geral: contar o conhecimento para todos. Nada de restringir-se à comunidade científica ou apenas aos colegas.

DENUNCIAR-SE

Cabe ao professor conscientizar primeiro, depois contar aos alunos, como você os induz a estudar, a aprender aquilo que você selecionou para eles, de modo a não se afastarem do caminho que você (?) traçou. É denunciar o conteúdo ideológico do material usado; atividades e conceitos.

Mas é mais. Chega a ser covardia usar o professor como exemplo. É preciso paciência e amor para trabalhar com pessoas que tem muito para falar mas não sabem sequer que são capazes disso. É o que o pessoal da Pastoral da Arquidiocese parece enfrentar nas comunidades de base.

Mas, por favor, isso não seja feito por pena ou benemerência e sim por opção ideológica. Ter pena é rebaixar o outro e só o não-profissional teria direito à benemerência. Em suma, a própria opção ideológica depende de se assumir também o papel de trabalhador e profissional. Ocupado direta e profissionalmente com e para pessoas concretas, mas solucionando problemas que superam o âmbito dessas pessoas, problemas sociais em si mesmos. Esta sociedade que é dona de nosso trabalho: daí ser indispensável um projeto de sociedade antes de se assumir qualquer problema social. A seguir, uma hierarquização dos problemas, em busca de uma solução compatível com a transição para a nova sociedade.

É fundamental não aceitar problemas que parecem pressupor que a sociedade e o homem continuem essencialmente como estão ou se nem sequer mencionam a possibilidade de homem em sociedade nova. Devemos checar os problemas para garantir que colaborem para uma efetiva e ampla participação do homem em sua sociedade, desde já e em vista de um futuro melhor.

CHAMADO À RECONSTRUÇÃO

(MARIA NILDE MASCELLANI)

Encontro dificuldade em debater questões do âmbito da Psicologia. O motivo é simples: não sou psicóloga mas pedagoga. Minha presença como professora na Fac. Psicologia deve-se primeiro a um gesto de solidariedade e depois à experiência que venho desenvolvendo com alunos na discussão das relações entre Psicologia e Educação.

PÉ NO BRASIL, CABEÇA LÁ FORA

Qualquer especialidade é uma forma original de fazer humano. Em Educação esse fazer é essencialmente "práxis". Sua fundamentação a relaciona com a psicologia, ciências biológicas, sociais e em outro ângulo com a Filosofia. Se as primeiras ciências fornecem o diagnóstico da realidade a ser trabalhada, a Filosofia imprime a direção a ação que se impõe como necessária.

Os últimos anos registraram numerosas contribuições científicas no campo da Psicologia, no Brasil e no exterior. Comparativamente, muito pouco se elaborou a nível de descoberta ou reformulação na faixa específica da Psicologia Educacional. Até hoje nos defrontamos com discussões ou equívocos entre Psicologia Escolar e Psic. Educacional.

EDUCAÇÃO É SÓ ESCOLA?

No caso da PUC, passou-se da Psic. Escolar à Educacional e no âmbito desta se situou a particularidade da primeira. A Psic. Escolar, circunscrita à instituição, está contida numa área maior. Entre nós, vários núcleos que exprimem a organização curricular típica estão voltados para questões educacionais tanto a nível formal como informal e não-formal. Mas não nos satisfazemos com debater as questões de uma Psic. Educacional mais ampla. Desde logo vimos que ela deveria operar sobre realidades concretas e situadas, atuando de preferência junto a pessoas e grupos de baixa renda, marginalizadas do processo de escolarização, caracterizadas como mão-de-obra de base na produção econômica.

Enveredamos pelos meandros da educação não-formal. Estudamos a realidade educacional do trabalhador, as relações Educação-Trabalho. Não tardaram os questionamentos, instalando-se certa angústia entre os alunos. As reflexões mostraram a necessidade de estudar melhor a realidade social envolvendo, introduzindo noções de sociologia, economia e política. Assim, enfrentamos o hermetismo da linguagem das ciências, a diferença de significados. Impôs-se uma metodologia diferente, que rejeita a neutralida-

de científica e valoriza a intervenção no campo concreto de trabalho.

ANGÚSTIA QUE O POVO DÁ

Todos queriam agir, sem ter instrumental ou atitudes compatíveis com as novas situações. Nosso alunos sentiam uma dificuldade imensa de entrar em contato, conversar com as pessoas simples. Angústia legítima, quase um sentimento de impotência, diante de exigências sociais absolutas.

"Diante de tantos problemas, para que serve essa psicologia que aprendemos?" Tudo parecia em ruínas. Em grupos operários, em classes de adultos, numa favela, em bicos, em associações de serviço, o que é possível abordar, analisar? Será necessário um estudo de personalidade? Como se organiza a percepção desse pessoal? Quem sabe, testes de inteligência? E a interação individual e grupal? Por que batem nos filhos?

PSICOLOGIA BUSCA SEU LUGAR

Por aí se avalia o grau de deslocamento do universitário. Nada mais se aplica. Alguns afirmam muito cedo que a psicologia perdeu sentido para eles. Outros se agitam no afã de reformular currículos, lamentando terem feito tais descobertas apenas no 7º semestre.

Todas as experiências e constatações levam a uma constante: o apelo para se reconstruir a psicologia que aí está. Vinda em grande parte de modelos e inspiração estrangeiros, não se aplica à nossa realidade. É alimentada por correntes psicológicas que vão desde a preocupação de descrever comportamentos até a de modelá-los a solicitações ambientais de mercado de trabalho e aos referenciais da classe dominante. Assim, coloca em jogo a concepção de PESSOA E SOCIEDADE que essa ciência estrangeira utiliza. Portanto, modelos, métodos, técnicas, ética, ideologia; tudo está em questão!

Na medida em que os psicólogos se manifestam desejosos de um compromisso com a realidade brasileira, parece que se impõe um descompromisso com a psicologia existente. Então, nasce a pergunta: "que psicologia utilizaremos? Estará ela ainda por ser elaborada? Não é negativismo: por trás de tudo há um chamado à reconstrução. Reconstruir a psicologia... sintoma de que a entrada no novo ciclo cultural que se impôs há pelo menos uma década para os latino-americanos, abala também uma Ciência Humana.



O Povo e o Universitário...

Currículo de Sorocaba em reforma

Desde o início de agosto reúne-se uma Comissão para reforma de Currículo. Mas logo se viu que não danta fazer uma "maquilagem" das matérias. É preciso ir a fundo, rever toda a estrutura do curso, à forma de direção do Centro. Com a palavra, o Prof. José Carlos Sobrinho (Zéca) autor de um amplo projeto e o Antônio Carlos, do C.A.

DESTAPAR OS OLHOS:

Zéca: A medicina atravessa uma crise. A crise nasceu das condições de ensino em nossas faculdades, mas principalmente da mercantilização do Sistema de Saúde no Brasil, na exploração pelo lucro e pela "mais-saúde".

Em Sorocaba, como em outras escolas, falta uma visão mais ampla, um quadro filosófico de interpretação do Universo e dos fenômenos biológicos. Decorre uma tecnificação; do ensino da Medicina, do próprio médico, do estudante, alienados do ideal universitário. O homem deveria ser focado de forma mais ampla.

Antonio Carlos: Vou dar uma visão histórica do que acontece hoje na Faculdade. Em 1974, eu trazia um monte de ideais na cabeça. Encontrei uma escola completamente isolada da PUC, parecia não pertencer a Universidade nenhuma. Simplesmente eram formados enfermeiros, médicos, e fim. Já naquela época os alunos reclamavam de desorganização do currículo, da pedagogia dos professores. O Ciclo Básico estava jogado no 1º ano, a gente queria começar dissecando cadáver, fazer o que a tua mãe falou quando você era criança, que apareceu na televisão. Fazendo uma análise crítica hoje a gente vê que o Básico está OK mas não havia ninguém pra explicar: os próprios diretores e professores não tinham noção da utilidade do Básico.

A Faculdade de Medicina só em 71 foi ligada administrativamente à PUC, acusada pela decadência do nosso ensino. Hoje há uma ascensão da Católica, principalmente com a nova Reitoria, com a própria ascensão de D. Paulo que insistiu numa Universidade voltada para o povo. Esta idéia, mais democrática, encontrou respaldo imediato. A reclamação hoje é contra salário baixo mas não sobre questão ideológica, como naquele tempo. O Casemiro, Joel, vêm aqui dar cursos de Pós-Graduação com ampla aceitação.

SOROCABA: UMA ILHA?

Zéca: Esta desvinculação de um sistema pedagógico universitário até hoje tem sérias consequências. O corpo docente e discente às vezes têm até um mau relacionamento devido a falhas pedagógicas, (aulas de 4 horas para 100 alunos).

Desde 1966 apareceram 38 escolas médicas: a duplicação de escolas não foi acompanhada do crescimento do corpo docente, nem dos hospitais-escola. Daí surgiram professores itinerantes, faculdades sem hospitais. Para adequação ao mercado de trabalho, o nosso aluno vem com exigências para ele poder dar seu "plantãozinho" e ganhar seu dinheiro. Mas se a Faculdade der a base da teoria médica e clínica (Patológica, Propedêutica) ele não vai poder dar seu plantãozinho.

Antonio Carlos: O Casemiro diz que a Reforma Universitária não chegou a Sorocaba. Por que? Aqui não há Departamentos estruturados, só temos um Básico "ajeitado" e resumido a Antropologia e PFTHC. Em 71, o aluno não conhecia o Reitor, Vice-Reitor da PUC

— havia um desconhecimento mútuo entre direção e alunos, entre "aluno de Sorocaba" e "aluno da PUC". De 74 a 76, os alunos bateram numa só tecla; o ensino está ruim, o hospital está ruim. Muita gente se movimentou em 75 para estatizar o Hospital Regional de Clínicas, que dava um déficit para a PUC. Fica muito caro o tratamento de um indigente num hospital universitário onde além do tratamento do paciente, haverá um estudo, com todos os exames que o aluno pedir para sanar alguma dúvida. Esta despesa extra com pesquisa não era sanada pelo Estado, mas pela PUC. O Hospital foi estatizado e deu no que deu. Em 76, o Prof. Leser, da Secretaria de Saúde nos garantiu que dali a dois anos estaríamos pedindo a des-estatização: o Estado não teria condições de manter um hospital universitário à altura. Em 77 foi fechado o H. Regional para reformas. Passou-se a usar o H. Leonor Mendes de Barros, específico para tuberculose, sem estrutura de Hospital geral e muito menos para ser hospital universitário. Ano passado fizemos um movimento para se reativar o H. Regional — fomos ao Governador que garantiu que em 2 anos as reformas estariam prontas. Hoje, das 4 alas existentes, temos apenas uma ala em funcionamento precário apesar de boas condições físicas. O equipamento, para chegar aqui, necessita de altas burocracias. Em meio a essa luta as falhas pedagógicas continuavam.

SER HUMANO: AMONTOADO DE CÉLULAS...DOENTES!

Zéca: A meu ver a maior das falhas do ensino e a fragmentação do homem, entendido como um amontoado de células e o paciente, como portador de doenças setorizadas. Principalmente por aqui ser uma Universidade Católica, o homem deveria ser tratado como um todo individual, inserido numa dinâmica societária. Os problemas de comunicação grupal, produtivos, políticos, sobre os quais a situação de saúde incide, não são tratados aqui. A gente vê o aluno condicionado por este tipo de ensino e por outro lado é orientado a partir de um mercado de trabalho capitalista.

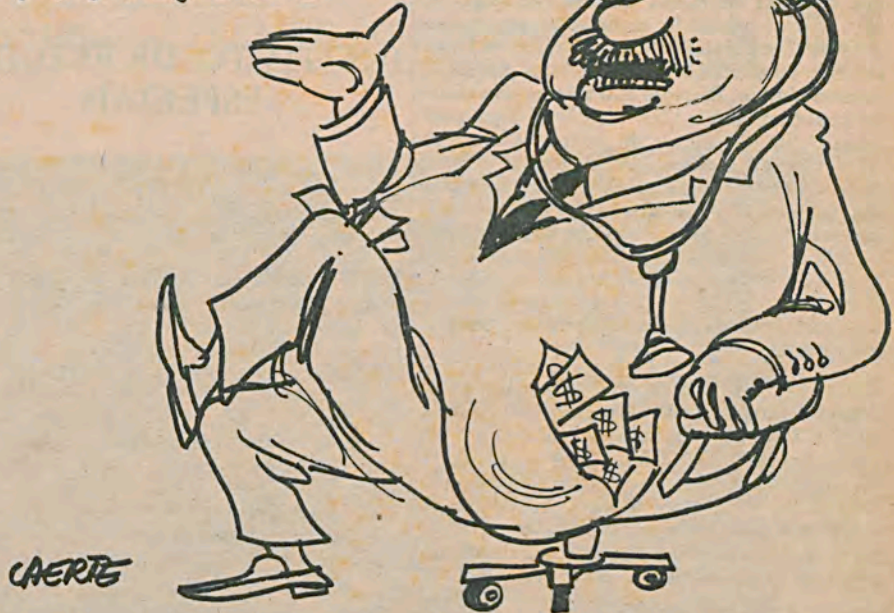
Antonio Carlos: Em 77, os alunos descobriram que os problemas não se resumiam a um bom hospital. Havia professores, com 20 horas semanais de contrato, que davam apenas a metade. Há casos de professores com 8 horas semanais que fazem 8 horas anuais. O jornalzinho do CA já denunciou que uma das aulas mais bem pagas do mundo, era a de Cirurgia Infantil. O professor vinha aqui apenas uma vez por ano e ganhava Cr\$ 3.000,00 por mês o que é muito pouco, só que no total isso dava 36 mil por uma única aula.

Zéca: Esse é um dos problemas do Prof. itinerante, que aparece quando quer o quando pode, tomando o lugar de outros e não criando com seus assistentes uma prática pedagógica.

"QUEREMOS REFORMULAR O CENTRO"

Antonio Carlos: A gente via que mesmo

REVISÃO DE CURRÍCULO?
... PRAQUÊ?



na Reforma imposta pelo Governo, na PUC de São Paulo havia quem descobrisse brechas, possibilidades de ação democráticas. Passamos a dar valor para os órgãos colegiados. Aqui os Departamentos ficam resolvendo apenas casos particulares, nota de aluno. Perdeu-se a finalidade de discutir o conteúdo pedagógico de cada matéria. Ligado a isso, os alunos descobriram que a Faculdade não tem direção... O contato a gente fazia, reclamações e tudo, era com o Pe, Enzo. Daí a pixação geral, os alunos colocam certos professores no devido lugar. "Tal professor não aparece": todo mundo fica sabendo e ele tem que assumir suas funções ou sai da escola. Nessa situação é que a gente começa a estudar um novo currículo, que não é só mudar de lugar mas é rever toda a estrutura da escola, que está completamente errada.

BIÔNICOS E HERÓIS

Zéca: Então, partindo de levantamento da situação médica e de ensino além da própria situação da Faculdade, haveria 5 itens a serem discutidos:

1. Corrigir as distorções do ensino.
2. Recolocar a saúde humana como centro de toda medicina, em seus aspectos políticos, econômicos, etc. Você vê que o centro da discussão está na mais-saúde.

Mais-saúde é o seguinte: hoje, saudável não é o indivíduo estar em condições normais, é necessário ele tomar o vitasay que o Pelé mandar tomar na TV, para ele se tornar um superdotado, um biônico. Prega-se um Super-homem, quando o que existe é o indivíduo normal. Tudo para comercializar produtos médicos.

3. Re-direcionar o ensino para as necessidades de saúde no Brasil. Daí vêm temas relacionados à habitação, à água, esgoto. O maior problema de saúde no Brasil se relaciona à sub-alimentação. Além disso vem a questão do local do trabalho, dos mecanismo de coesão dos

grupos. Isso tudo tem muito a ver com a medicina.

Neste país, o importante são as moléstias infecto-contagiosas, diferente de países desenvolvidos em que o ensino de medicina se deve voltar para doenças decorrentes do envelhecimento dos órgãos. No Brasil, o indivíduo que atinge mais de 40 anos é um herói: devemos nos preocupar com a faixa dos 0 aos 10 anos, onde a mortalidade é extremamente alta.

Antonio Carlos: Numa aula de Pós, o Casemiro lembrava que as multinacionais têm muita proposta de pesquisa para a Universidade mas com endereço certo (aplicação para ocasiões como guerras). Então, qual seria a pesquisa válida? O Casemiro respondeu que, se a pesquisa for encomendada por uma comunidade popular, então ela será válida.

Zéca: É, a pesquisa deveria voltar-se para a ciência só depois de ouvir o povo. Há mais dois pontos para discussão:

4. Re-posicionar o médico dentro da estrutura da saúde, numa atitude crítica. Falta ao profissional de saúde a capacidade de análise diante de atos comandados pelas multinacionais.
5. Uma formação humanística ampla o ajudaria a re-pensar sua posição como profissional de saúde.

Há uma comissão para rever o currículo. Mas falta-lhe maior representatividade: de 180 professores, estão presentes apenas 10. Paralelamente ao trabalho da comissão é preciso debate amplo, a nível de disciplinas, das salas de aula.

Antonio Carlos: Vamos levar a discussão em suas bases doutrinárias aos alunos. Mas as resistências nascem de que professores como alunos são muito finalistas, imediatistas. A turma quer saber "como vai ficar minha cadeira", "em qual semestre ficará minha matéria", "como são as provas? como é a nota mínima? "pra que psicologia?". Mas por trás disto há uma discussão mais ampla que não é feita. Vamos tentar democratizar essa situação, inclusive a nível de funcionários.

